

Retratos de uma Infância Contemporânea: os bebês nos artefatos visuais

Camila Bettim Borges¹
Susana Rangel Vieira da Cunha²

Resumo: A partir dos Estudos da Cultura Visual e dos Estudos Culturais, tal artigo analisa e discute as representações visuais da primeira infância contidas em artefatos visuais direcionados as crianças, neste caso, as imagens apresentadas nas embalagens de fraldas descartáveis vendidas no Brasil. Objetivamos com este estudo realizar um levantamento dos corpos de bebês visibilizados em tais embalagens, e buscando entender como os bebês e suas infância(s) estão sendo narrados visualmente na contemporaneidade. Para tanto, toma-se como ponto principal, questionar a razão de haver uma idealização da primeira infância que remete a concepções que denotam inocência e delicadeza; e um corpo infantil do cuidado e da manutenção por uma estética padronizada.

Palavras-chave: Infância; Corpo; Pedagogias da Visualidade; Cultura Visual.

Portraits of a contemporary children: babies in visual artifacts

Abstract: From the Visual Culture Studies and Cultural Studies, this article analyzes and discusses the visual representations of early childhood contained in visual artifacts targeted children, in this case, the images presented in disposable diapers packaging sold in Brazil. We aim to study to survey visualized babies bodies in such, and seeking to understand how babies and their childhood (s) being visually narrated nowadays. Therefore, it takes as its focal point, questioning why there an idealization of early childhood that refers to concepts that denote innocence and gentleness; and a children's body care and maintenance for a standardized aesthetics.

Keywords: Childhood; Body; Pedagogies of Visuality; Visual Culture.

Pode-se dizer que foi a partir do Renascimento Europeu, que o sentimento de infância começou a ser forjado. O processo de representação fidedigna – a uma determinada infância-que este movimento se propôs

1 Pedagoga (UFRGS) e Mestra em Educação pela Linha Estudos Sobre Infâncias do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Doutora em Educação (UFRGS). Pesquisadora e educadora Associada na área de Educação Infantil, Artes e Cultura Visual da Faculdade de Educação – UFRGS.

conduziu a idealização de um corpo infantil e de um pensar sobre a primeira infância, extremamente padronizado. Estas imagens da primeira infância propunham ilustrar a pureza e o angelismo que as crianças deveriam simbolizar, enfatizando com estas imagens os princípios católicos da época. Becker (2009, p.79) vai conceituar esta infância como *transcendente*. Arquetizada por “*imagens de bebês rechonchudos, nus e às vezes com asas*”. Esta imagem representativa de uma infância fundamentada principalmente pela inocência vai também escoar para as representações de corpo que se tem desta criança. Um corpo perfeito e ileso a maldades e imperfeições. Tomada por formas que encantam e que são constituídas por gestos e modelos que provocam sensação de ternura ao olhar, as infâncias ditas bibelôs, configuram-se por serem basicamente “delicadas, suaves (...) a infância em si é apresentada de forma assexuada, como anjos desprovidos de maldade e malícia” (BECKER, 2009, p.88).

Ainda hoje, vislumbramos esta infância ‘bibelô’ nos artefatos vinculados a primeira infância e a maternagem do respectivo período vital. A evocação de imagens de bebês que se vinculam a crianças brancas, delicadas, saudáveis e felizes é extrema, nestes artefatos. Digo, pois, que, trata-se, então, da alusão a um corpo e uma infância *soft* representada basicamente a partir da inocência e da beleza, principalmente, e que tem por objetivo vender não só produtos, mas concepções do que deve ser um corpo bonito, admirado ou não, do que deve visibilizado e o que deve ser ‘escondido’. “É na representação, entretanto, que o poder do olhar e o olhar do poder se materializam” (SILVA, 2003), pode se pensar, portanto, que é na relação existente entre a representação e a imagem, que vai ocorrer o processo de significação ente o ‘olhante’ com o artefato.

Pensando neste poder de formular visões sobre o mundo, sobre nós e sobre os outros que as imagens passam a desempenhar na atualidade, pergunto-me: por onde andam as outras representações infantis? Onde estão *os outros* corpos de bebês que não são visibilizados pelos artefatos? Creio que haja um ‘limbo’ para estas infâncias. As ‘infâncias das ausências’, os invisíveis, os outros que estão à margem de qualquer exposição... As infâncias escondidas.

O uso em grande proporção de imagens para ‘falar’, mostrar, apresentar e constituir pontos de vista é característica principal da contemporaneidade. Desde que nascemos, podemos dizer que estamos inseridos em um mundo ‘letrado’ e imagético. Estas duas linguagens expressivas culturais, vão construindo em cada sujeito, repertórios visuais, criando e constituindo nossos imaginários a partir de representações que muitas vezes remetem a binarismos, antagonismos. Somos feios ou bonitos, brancos ou pretos, homens ou mulheres, rosa ou azul, normal ou diferente.

Acredito que a imagens têm grande influência nestas concepções, não apenas as imagens em si, mas todas as linguagens que vêm com elas. Estas significações que estão ‘coladas’ as imagens alteram-se de acordo com os contextos e grupos culturais em que elas serão visibilizadas. A publicidade, por exemplo, apóia-se em imagens que já foram significadas culturalmente e aproveita-se dessa nossa “intimidade” com elas para que os produtos veiculados tenham credibilidade, nesta vertente, não é a toa que o *slogan* “uma imagem vale por mil palavras” é lembrado até hoje.

Esta banalização visual, no sentido de que estamos sendo cotidianamente ‘bombardeados por imagens’³, nos coloca como espectadores de ‘olhos brancos’. São tantas imagens que não vemos mais nada, apenas as absorvemos. Não pensamos a respeito do que estas nos dizem. Passamos batido por tudo e compramos como mercadoria barata, maneiras de ser e agir expressos nestes artefatos.

De modo geral estas imagens ensinam nosso olhar e estes artefatos visuais contribuem para que crianças e adultos constituam seus modos de ver, ser, ler, elaborar imagens, perspectivas, de pensar, de imaginar e fabular. Cunha (2005) chamou de *Pedagogias da Visualidade* estes processos educativos pela imagem. Segundo a autora, “estas formas de ensinamento visíveis em suas materialidades ostensivamente exposta e ocultam aquilo que elas ensinam no (in)visível: significados, valores, inclusões e exclusões, desigualdades sociais e relações de poder”.

Desta forma, pergunto-me: de onde vem a ideia que temos do bebê como um sujeito infantil alegre, feliz e saudável? Por quais motivos a primeira infância, ainda é considerada por muitos, como um período de doçura, meiguice, delicadeza e ‘maciez’? Ou ainda, “quais os significados que, nesse

³ Expressão utilizada por Hernandez(2007, p.29).

momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca e tal aparência.” (LOURO, 1999, p.14).

BEBÊS CONTEMPORÂNEOS: A INFÂNCIA NOS ARTEFATOS VISUAIS

Para este estudo, fez-se a escolha de analisar as imagens que fazem parte das embalagens dos pacotes de fraldas descartáveis⁴ vendidas no Brasil. A escolha deste artefato, para a discussão é que este, além de ser facilmente encontrado no comércio, é um dos produtos mais utilizados para os cuidados do bebê, e que, portanto, é de uso exclusivo da criança.

Em uma análise inicial, verifica-se que apenas um tipo de infância, de corpo infantil e de etnia é ilustrado nestas embalagens. Uma infância inocente, delicada; um corpo do cuidado e da estética e uma etnia branca. Em uma segunda análise, observa-se que os tamanhos de fraldas e de peso que o bebê deve ter, alteram-se, porém as imagens não. Mesmo que os tamanhos e pesos sejam diversos, os bebês são representados com os mesmos tipos de corpos, como se não crescessem, parados no tempo.

A utilização deste tipo de imagem nestas embalagens auxilia na condução do olhar para um tipo específico de infância e de corpo infantil. Gera, mesmo que ‘disfarçadamente’ uma idealização do que seja o bebê. Projeta-se desde muito cedo, como deverão ser as características deste sujeito infantil, aqui apresentado como estas crianças ‘softs’. Utilizo a expressão ‘soft’ para designar este período da infância nos artefatos, por ser uma palavra de uso mais do cotidiano e que engloba de certo modo, algumas das adjetivações relacionadas a *esta infância*. Vinculando para este período da vida humana uma representação, que configura a mesma como se esta fosse à fase mais maravilhosa do mundo, cheia de maciez, delicadeza, fofura, meiguice e alegrias. Destaco, no entanto, que para muitos esta infância têm sim esta representação, o que questiono é que esta infância ‘soft’ não é única e

⁴Marcas utilizadas para o estudo: Pampers, Johnson’s e Huggies Babies.

exclusiva para todos que passam por esta fase da vida. Há outras infâncias, outros corpos e outras crianças que quase nunca são nomeados, visibilizados, ditos, mas que existem.

A PRODUÇÃO DE UM OLHAR

Neste ‘encharque’ imagético em que estamos inseridos cotidianamente que remete-nos a maneiras de ser, agir e portar-se, regulando e normatizando condutas. Feminilidades, masculinidades e infâncias, estão sendo definidos por formulações estéticas concebidas nas grandes corporações que ditam regras, comportamentos e modelos do que deve ser seguido ou não. O poder de reverberação que os artefatos possuem agora na contemporaneidade, em muito foi mediado por empresas como *Disney Corporation*, *Mattel* e Estrela, que há mais de décadas com seus ‘brinquedinhos’ e peças publicitárias, direcionam nosso olhar para produtos que remetem a um modelo de sujeito infantil.

Uma imagem, não é apenas uma imagem. Ela é carregada de significados e significações, e pode ser tomada como um produto cultural, “as representações visuais (...) ensinam a olhar e a olhar-s, contribuindo para a construção de representações sobre si e sobre o mundo (...)”(HERNANDEZ, 2007, p.32).

Esta capacidade que as imagens têm de formular pontos de vistas, gostos, maneiras de ser, fica evidente quando percebemos em ambientes infantis⁵, meninas e meninos já desde muito pequenos, querendo assemelhar-se com os personagens que aparecem nos artefatos. Nesta vertente, a cena de meninas vestidas como a Barbie e /ou com roupas da marca da boneca ou os meninos com as vestimentas do Homem Aranha, Ben10 entre outros e com acessórios dos respectivos personagens, é imensa. A reprodução de posturas e falas das crianças de acordo com estes personagens salta aos olhos de qualquer observador que se pare a olhar as brincadeiras e relações dentro da escola infantil. Além das crianças gostarem disto (ou seriam induzidas a um gosto pela falta de outras opções para apreciarem outras personagens?), os pais e/ou responsáveis são os maiores incentivadores a este ‘gosto inventado’. De tempos para cá, o numero crescente de concursos para eleger a ‘Mini Miss Mundo’ ou o ‘Bebê mais Lindo do Brasil’ mostra esta nova tendência dos

⁵ Evidenciado na pesquisa: “Desenhos de Meninos e Meninas: Relações Entre Imaginário e Gênero.” Coordenada pela Prof^a.Dr^a. Susana Rangel Vieira da Cunha.

pais/responsáveis de colocarem seus filhos na vitrine do mundo comercial e mercadológico, conduzindo a maneiras estritas de olhar para o sujeito infantil.

Estas representações visuais atuam em nossa vida de forma tão voraz e marcante que podemos pensá-la, até certo ponto, com um poder até maniqueísta de envolvimento e sedução. Hernandez (2007, p.31-32) ao tratar das produções de subjetividade que envolve estas imagens afirma:

Uma vez que as subjetividades são produzidas e transitam de maneiras reflexivas e corporificadas, a relevância das representações visuais adquire um papel fundamental. Não apenas por sua onipresença, mas pelo forte poder persuasivo: associam-se a práticas culturais (o que significa que fazem parte do que está acontecendo), vinculam-se a experiências de prazer (apresentam-se de forma agradável, com uma retórica visual e narrativa atrativa e trazendo satisfação) e estão relacionadas a formas de socialização (os sujeitos sentem-se como parte do grupo com o qual se identificam).

Vemos, portanto, que estas representações imagéticas produzem modelos e tornam de certa maneira, obsoletas, as possibilidades de perceber e pensar sobre o outro ou o diferente, remetendo ao inevitável ‘descarte’ do que difere dos “modelos normais”.

A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO VISUAL

No início do século XX, os discursos dos campos da medicina e da psicologia tiveram muita força nas concepções que envolviam as crianças e a educação de seus corpos. A criação e divulgação em grande escala de manuais, como “*o Bebê – Saúde, Educação e Proteção*” do Dr. Rinaldo de Lamare⁶, que ensinava pais e educadores, como deveria ser cada etapa da vida dos pequenos; bem como a divulgação de peças publicitárias vinculadas a objetos de higiene infantil; utilizando a imagem do bebê como um sujeito saudável, feliz, loiro e repleto de dobrinhas ‘fofinhas’, forjou nosso olhar para uma concepção de corpo infantil e do que se espera de um bebê até os dias de hoje. Sobre isto, Becker (2009, p.43) nos fala:

a manutenção da infância enquanto um período frágil, que precisa de proteção depende dos discursos que a compõem(...)

6 Edição comentada referente ao Ano Internacional da Criança em 1983.

Eles demarcam a infância como um período inicial e passageiro da vida, em que essa proteção cerceia os seus movimentos e cria noções de como é ser criança.

O Slogan “*O Rei nasceu, viva o Rei*” era veiculado em peças publicitárias da campanha da Johnson & Johnson, na década de 60. O concurso nacional de premiação, inclusive, com direito a coroa, do bebê mais bonito do Brasil, o famoso ‘Bebê Johnson & Johnson’ foi e é até hoje, referência para uma criança considerada linda, limpa e bem cuidada. Esta promoção, tão singela e “inocente”, compõe no imaginário das pessoas uma idéia de *como* deve ser o bebê ideal e dita padrões do que deve ser tomado como o ‘normal’ nesta etapa da vida. Kellner (1995, p.112) ao falar da influência da publicidade nas diversas esferas sociais constata que:

A própria publicidade é uma pedagogia que ensina os indivíduos o que eles precisam e devem desejar, pensar e fazer para serem felizes, bem-sucedidos(...) A publicidade ensina uma visão de mundo, valores e quais comportamentos são socialmente aceitáveis e quais são inaceitáveis.

Estas mídias que expõem e colocam em circulação os artefatos culturais na contemporaneidade nos influenciam drasticamente nas concepções de infâncias, corpos infantis e crianças. Suas intencionalidades dar-se-ão não apenas no âmbito de classificar e segmentar o que é belo, bonito e adequado, mas também na interface de excluir o que foge a normalidade.

Os artefatos e imagens cumprem a função de representar, apresentar, nomear, situar, identificar, etiquetar e traduzir tanto os sujeitos quanto os grupos sociais para os outros grupos. Muito mais do que representar os sujeitos e os grupos, os artefatos e imagens instituem os modos de vermos os outros e nos relacionarmos com o mundo. (CUNHA, 2005, p.31)

Acredito que há intencionalidade por parte destas publicidades em não vincular imagens de bebês negros, magros ou com outro biótipo. Em função de que não se vende apenas o produto, mas a imagem em que nele está colada, e esta, têm sim, um peso fundamental na hora da escolha do produto.

No entanto, não queremos que se entenda neste trabalho, que estamos apontando causas unicamente cartesianas, como: “isto foi à causa e esta será a

consequência”. Ao contrário, acreditamos que estas concepções e pedagogias visuais podem sim, ser abordadas e questionadas para refletirmos e ampliarmos o repertório visual que nos cerca e pensarmos para além do que estamos vendo.

É pensando nestes artefatos voltados as crianças, que agora, problematizamos sobre a importância de perceber que corpos infantis estão sendo narrados visualmente nos artefatos para a infância.

A PRODUÇÃO DE UM CORPO INFANTIL

A etimologia da palavra corpo no dicionário Houaiss é referenciada como: “*lat. corpus, òris 'corpo (p.opos. a alma), **corpo inanimado**⁷, qualquer objeto material, matéria, reunião de pessoas*.” Durante muito tempo, o corpo foi objeto de penitência, pregação, opressão, imoralidade, um objeto de marcas desde o nascimento, um corpo sem vida, bem como a definição da palavra mostra, corpo inanimado. Estas limitações do corpo foram tomadas como sinônimos de verdades, em muitas interfaces da sociedade. Desde a religião até as práticas exercidas dentro das escolas, principalmente relacionadas às condutas corporais.

É nos espaços escolares, em que vai ocorrer o maior embate sobre a questão corporal, e o quanto a escola é doutrinadora de mentes e corpos, conforme Louro (2000, p.60) nos mostra:

O disciplinamento dos corpos acompanhou, historicamente, o disciplinamento das mentes. Todos os processos de escolarização sempre estiveram – e ainda estão – preocupados em vigiar, controlar, modelar, corrigir, construir os corpos de meninos e meninas, de jovens homens e mulheres.

Este processo de ‘investimento’ do corpo, no sentido de formatá-lo e educá-lo, acabou por segmentar os mesmos onde houvesse mais serventia para eles e formando-os para habilidades pré-estabelecidas, principalmente pela escola. Foucault (1987, p.127), afirma:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas

⁷ Grifo da autora.

à formação de uma relação que, no mesmo mecanismo, o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se, então, uma política das coerções, que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe.

Desta maneira, torna-se fácil perceber o motivo dos corpos infantis serem tão silenciados. Disciplinavam-se os mesmos para que fossem regulados e normatizados. O controle destes corpos, conduziu a maneiras fechadas de conceber os mesmos, e só posteriormente, com os Estudos Culturais, de Gênero e da Cultura Visual consegue-se retratar este ‘conceito corpo’ como fator cultural e não algo apenas dado e criado pela natureza.

Assim, para este estudo, parto do conceito de corpo, não como algo apenas biologicamente criado pela genética, como se fosse um objeto ínsito, mas sim, como uma construção cultural e distinta por carregar consigo marcas desta cultura. Um corpo que escapa, moldável, maleável, recheado de linguagens e expressões e não estático, único e homogêneo. São estas significações singulares que darão potência para pensarmos outras formas de perceber esta matéria corpórea; assim estes, para além de um “objeto cívico”, um campo de batalhas, de *biopoder*⁸, um corpo sensível, *sem órgãos*⁹, invisível, *outdoor* e tecido pelas marcas da identidade e da diferença.

O CORPO OUTRO

E se voltarmos o olhar -o nosso olhar - existe, sobretudo, uma regulação e um controle que define para onde olhar, como olhamos quem somos nós e quem são os outros, e finalmente, como o nosso olhar acaba por sentenciar como somos nós e como são os outros.(Skliar, 2003, p.71)

8 Foucault vai tratar deste conceito ao localizar em seus estudos o corpo associado as transformações dos mecanismos de poder sobre a vida. “O conjunto de técnicas que se dissemina pelo corpo social e passa a ser utilizado por varias instituições como a escola, a família, o exercito, a polícia, a medicina tanto age no nível dos processos econômicos quanto opera no âmbito da organização social. O biopoder, opera, portanto, segregando, hierarquizando, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia, sendo essencial para a expansão do capitalismo.” BUJES, 2001 p.34.

9 Ver: DELEUZE & GUATTARI, F.O Anti-Édipo Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Skliar demonstra como de certa forma, criamos o olhar para o ‘outro’, para o diferente. A sentença de onde irá figurar este *outro* a partir do que não somos, será percebida nas imagens corporais infantis em que somente determinadas corporeidades, como os bebês brancos, loiros e dóceis irão aparecer. O local reservado aos diferentes, estranhos, *freaks* será apenas o de ponto de balanço para denotarmos o que não queremos ser ou o que não desejamos as crianças. Estas imagens que remetem a determinados modelos de corpo e de infância, deixam perceptível o invisível e o indesejável, porém não o inclui nas materialidades visuais. São estas diferenças que farão parte de um processo social, extremamente mediado pela significação.

Becker (2009, p.48) ao focar as relações do implícito/explicito e, portanto da importância da visualidade na reafirmação do diferente e da diferença, diz-nos:

As imagens produzidas a partir das concepções estabelecidas discursivamente como portadoras de verdade, formando e transformando sistematicamente o que se entende por criança. O que vemos nas representações sobre as infâncias, então, mostra a maneira de a infância ser pensada (explicitamente) através das diferentes imagens, como nos mobilizamos a partir desse pensar, e como pensamos a nós mesmos em relação à própria infância (implicitamente)

Frente a isto, coloco-me a pensar, sobre então, de que outras maneiras as infâncias e as crianças podem ser narradas ou visualizadas nos artefatos culturais? Em que medida isto acarretaria outras possibilidades de pensar o outro, constituindo então, outras infâncias e crianças?

O outro é um outro que não queremos ser, que odiamos e maltratamos, mas que o utilizamos para fazer da nossa identidade algo mais confiável, estável, seguro; é um outro que tende a produzir uma sensação de alívio diante da sua invocação (...) é um jogo – doloroso e trágico- de presença e ausências. (SKLIAR, 2003, p.121)

Que posição, frente a toda esta formatação visual, vai tomar o adulto na maneira como vai perceber as crianças e as infâncias? Será que conceber outras formas de corporeidade infantil vai alterar a maneira como interagimos com as crianças? O quanto este ‘outro’ mexe e perturba o nosso olhar a ponto de sabermos que ‘aquilo’ é o que não desejamos para nós.

CORPOS E INFÂNCIAS INVISÍVEIS

Magros, prematuros, compridos, negros, índios, japoneses, desfigurados, cabeçudos... Estas e tantas outras características podem ser relacionadas aos ‘outros’ neste estudo. Nas análises, até aqui elaboradas, tanto nos artefatos, quanto na verbalização das pesquisadas, não houve destaque para outras maneiras de se pensar o infantil, para além das já referidas anteriormente, ou seja, um corpo projeto e uma infância *soft*.

As imagens têm o poder de produzir desejos, maneiras de ser, estar, configuram determinados modelos e regulam nosso olhar de maneira tão contundente, que passamos despercebidos pelos ‘outros infantis’ e nem reparamos. Criamos em nosso imaginário, um tipo específico de bebê e de infância e ao reparamo-nos com outros, o choque é fatal.

Para este trabalho, a inexistência de representação destes sujeitos leva-me a conceber estes ‘outros’ como os de corpos e infâncias invisíveis. *Não é apenas o visível que ensina*. “O invisível, aquilo que ocultamos que não está disponível ao olhar, também contribui para formularmos nossos modos de ver o mundo”(CUNHA, 2007, p.138).

A invisibilidade destes outros corpos nos artefatos, leva-nos a pensar, que há uma fronteira tênue entre este ‘não lugar’ dos sujeitos infantis com a questão da monstruosidade deles. Digo monstruosidade, no sentido de que as imagens que fogem ao que nosso olhar está habituado a ver, suscitam reações de angústia, desconforto e diferença.

O corpo do monstro incorpora — de modo bastante literal — medo, desejo, ansiedade e fantasia (ataráxica ou incendiária), dando-lhes uma vida e uma estranha independência. O corpo monstruoso é pura cultura. Um constructo e uma projeção, o monstro existe apenas para ser lido: o *monstrum* é, etimologicamente, “aquele que revela”, “aquele que adverte”(…) o monstro significa algo diferente dele: é sempre um deslocamento; ele habita, sempre, o intervalo entre o momento da convulsão que o criou e o momento no qual ele é recebido. (COHEN, 2000, p.26-27)

Mas então, como lidamos com estes corpos que não permeiam nosso imaginário e muito menos as representações que temos de corpo infantil e de

bebê, mas que estão por aí e que em algum momento teremos que confrontarmos-nos com eles? Quando nosso olhar já tão marcado por determinados modelos vai quebrar-se para perceber estes outros?

As práticas culturais bem como as representações visuais tanto dependem, quanto produzem inclusões e exclusões sociais, e um relato crítico precisa dirigir-se tanto a suas práticas quanto a seus significados culturais. (ROSE, 2001, p.15-16)

Se para muitos, no senso comum, a primeira infância já tida como ‘sem voz’, pense então o que é ser sem voz, ser invisível e ser infantil.

REFERÊNCIAS

BECKER, Aline. **Infâncias e Visualidades**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BUJES, Maria Isabel E. **Infância e Maquinarias**. Tese Doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.

COHEN, Jeffrey Jerome. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Pedagogia dos monstros** - os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e Cultura Visual: Uma trama entre imagens e infância** Tese de doutorado. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

_____. Pedagogias das Imagens. In: DORNELLES, Leni V. (org). **Produzindo Pedagogias Interculturais na Infância**. Petrópolis. Vozes, 2007.

DORNELLES, Leni. **Infâncias que Nos Escapam**. Petrópolis. Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1987

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: Proposta Para Uma Nova Narrativa Educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

KELLNER, Douglas. Lendo Imagens Criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, Tomaz T. (org.). **Alienígenas na Sala de Aula**. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOURO, Guacira. **Gênero, Sexualidade e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Corpo, Escola e Identidade. Produção do Corpo. **Educação & Realidade**. V.25.n.2. Porto Alegre,2000.

_____. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). **O Corpo Educado** –Pedagogiasda Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica,2001.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, Gênero e Sexualidade nas Práticas Escolares: Um Início de Reflexão. In: MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

SILVA, A.P.S; PANTONI, R.V. Apresentação da Série Educação de Crianças em Creches. **Salto para o Futuro**(Online), Ano XIX, n° 15, p. 5-16, out 2009.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da Diferença**. E Se o Outro Não Estivesse ai? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

*Recebido em junho de 2015
Aprovado em agosto de 2015*